

No. 164
NOV - DEZ
ANO 24/2014

farj@riseup.net
www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



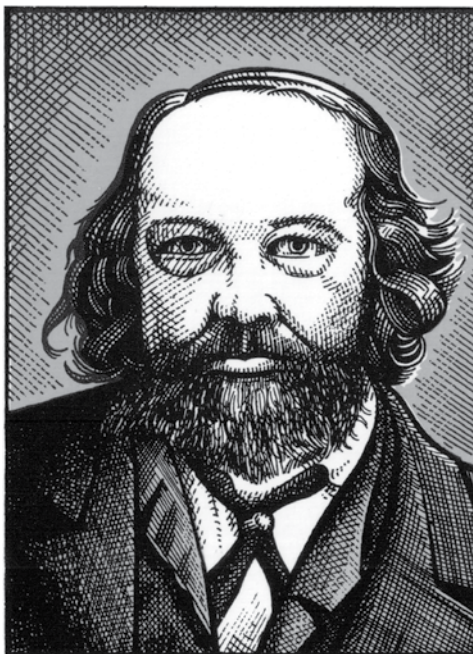
INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
ORGANIZAÇÃO INTEGRANTE DA COORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA - CAB

MIKHAIL BAKUNIN E O ANARQUISMO

Nota biográfica: *Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814–1876) foi um revolucionário russo que contribuiu, determinantemente, em teoria e prática, para o desenvolvimento do anarquismo na Europa ocidental e que teve influência significativa nos rumos do movimento de trabalhadores, em nível mundial.*

Bakunin nasceu em uma família de nobres russos, foi educado em casa e seguiu aos 14 anos para a carreira no exército, abandonando-a em 1835. Vai a Moscou, onde participa do círculo de Stankevitch, apaixonando-se pelo romantismo e pelo idealismo alemão, especialmente por Fichte e Hegel. Em 1840, vai a Berlim integrando-se à esquerda hegeliana e publicando artigos. Converte-se ao comunismo e toma contato com a causa dos eslavos, ingressando na luta contra o imperialismo. Influencia-se na relação com P.-J. Proudhon e tem contato com Marx. Participa, em 1848, dos levantes na França e da Insurreição de Praga, e, em 1849, prepara a insurreição da Boêmia e destaca-se como comandante militar do levante de Dresden. Preso,

permanece na prisão e no exílio com trabalhos forçados de 1849 a 1861, quando foge, chegando a Londres. Logo se integra à vida política, escrevendo e atuando; vai, em 1864, para a Itália, onde desenvolve intenso trabalho de propaganda e organização e funda a Fraternidade Internacional, uma organização política secreta. Participa dos Congressos da Liga da Paz e da Liberdade, em 1867 e 1868 e, quando a maioria dos membros da Liga nega-se a aceitar o programa socialista, federalista e antiteísta que propunha, rompe, fundando a Aliança da Democracia Socialista. É somente na segunda metade dos anos 1860 que Bakunin adere completamente ao anarquismo, que se consolida com sua entrada na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou “Primeira Internacional”. Produz,



nesse momento, diversos escritos e envolve-se nas discussões de seu tempo. Exerce ampla influência na AIT, especialmente nos países latinos. Ameaçando a hegemonia de Marx, é expulso em 1872, quando funda, com o setor majoritário da AIT, a Internacional “Antiautoritária”. Participa da insurreição da Bolonha em 1874 e, ao final da vida, afasta-se da atividade política, falecendo na Suíça em 1876.

Os aspectos destacados neste texto enfocarão com mais profundidade elementos da última fase de Bakunin, já nos anos 1860, em cujo período converteu-se ao anarquismo.

Os pontos de partida

Bakunin possui, como base de sua teoria, uma série de concepções filo-

sóficas que foram sendo elaboradas ao longo de sua vida, desde o período de juventude, quando adere ao hegelianismo de esquerda. Dentre essas concepções, pode-se destacar: a liberdade, a dialética, o materialismo, a ciência e a doutrina/ideologia.

Toda a sua teoria está baseada no **conceito de liberdade**, presente ao longo de toda a sua obra. Polemizando com os filósofos do liberalismo, Bakunin nega que o indivíduo venha livre à sociedade, no momento de seu nascimento, tornando-se oprimido pela coletividade ao longo do tempo – ideias que serão desenvolvidas por filósofos como Rousseau e Mill. Para Bakunin, a liberdade não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada. Desde sua mais antiga existência, a luta dos homens teria sido, primeiramente, uma luta contra a natureza, em que eles buscaram superar sua animalidade, negando-a e chegando à humanidade. Esta se caracteriza pela capacidade de reflexão, abstração e pela razão, ou seja, pela capacidade de combinar ideias em uma forma de pensamento que possui, necessariamente, relação com a ciência. Para forjar-se

Nesta Edição

SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

no CPII ... *pág 5*

MOB NO 20 DE NOVEMBRO

dia de luta negra ... *pág 6*

QUEM NÃO DEVE NÃO TEME

conto ... *pág 6*

JUVENTUDE CAMPONESA

na luta contra o agronegócio ... *pág p6*

COMUNA SHINMIN

85 anos da revolução camponesa na Coréia e Manchúria ... *pág p7*

170 ANOS DE GONZALES PRADA

e sua contribuição ao pensamento social peruano ... *pág p7*

OS 200 ANOS DE BAKUNIN

Frente Sindical da CAB... *pág 8*

NAS BOCAS...

“MINHA PÁTRIA É O MUNDO; MINHA FAMÍLIA A HUMANIDADE”

Bakunin

como humanidade, uma das bases dos homens foi a ideia de Deus. O curso desta trajetória seria que humanidade passasse à liberdade, pela revolta contra as condições de escravidão do homem – que se reproduziam na economia, na política e na religião. Bakunin coloca que o homem “partiu da escravidão animal, e atravessando a escravidão divina, termo transitório entre sua animalidade e sua humanidade, caminha hoje rumo à conquista e à realização da liberdade humana.”[1]

A sociedade, a coletividade, neste sentido, não seria um empecilho para a liberdade, mas uma condição de sua própria realização. A liberdade individual, desse modo, só pode existir dentro da liberdade coletiva, já que “ser livre, para o homem, significa ser reconhecido, considerado e tratado como tal por um outro homem, por todos os homens que o circundam”. Só é possível considerar-se livre na presença e em relação a outros homens; além disso, essa perspectiva coletiva da liberdade impede que uma pessoa seja livre sozinha: “só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres”. [2] Finalmente, a liberdade, para Bakunin, necessariamente implica igualdade, e isso estabelece um vínculo explícito entre liberdade e socialismo; para ele, não existe liberdade plena sob o capitalismo, o Estado ou qualquer outro tipo de dominação, e a igualdade, fundamentalmente econômica, é condição prévia para o desenvolvimento da liberdade. Ele enfatiza que embora seja “partidário da liberdade, essa condição primeira da humanidade, [...] a igualdade deve estabelecer-se no mundo pela organização espontânea do trabalho e da propriedade coletiva, das associações produtoras livremente organizadas e federalizadas nas comunas, e pela federação igualmente espontânea das comunas, mas não pela ação suprema e tutelar do Estado”[3].

Outra noção filosófica que norteia

toda a teoria de Bakunin é sua concepção de **dialética**, cujos fundamentos foram estabelecidos ainda nos anos 1840, quando era um hegeliano de esquerda, revolucionário, mas ainda não anarquista. Para Bakunin, a história – o desenvolvimento social de maneira geral – seria determinada a partir de um movimento dialético para o qual a negação teria um papel fundamental: ela seria uma forma de recusar a realidade, permitindo que surgissem novas ideias, capazes de conceber a transformação dessa realidade rumo à liberdade. Essa dialética, ou seja, a contradição, é, assim, a fonte do movimento e do desenvolvimento histórico. Fundamentando-se em Hegel, o artigo *A Reação na Alemanha*, de 1842, apresenta duas contribuições fundamentais para sua concepção de dialética; a primeira, de uma interpretação de Hegel que constitui as bases de uma transformação revolucionária; a segunda, de uma dialética hegeliana que se diferencia da dialética triádica clássica – representada pelos elementos tese, antítese e síntese. Bakunin propunha uma dialética baseada em somente dois elementos, um positivo e outro negativo – naquele caso analisado, o partido reacionário e o partido democrático, respectivamente – cujo resultado seria a criação de um novo positivo, sem relação com o antigo. Portanto, para Bakunin, não haveria síntese ou conciliação possível entre o positivo e o negativo. Seria pela negação que se forjaria a afirmação, ou seja, visando a destruição, se construiria o novo.

Fundamental para seu sistema foi também o **materialismo** como método de análise da realidade. Partindo daquilo que entendia como material, ou seja, a realidade de maneira geral, incluindo os seres vivos

na sua totalidade, Bakunin afirmava que um método de análise coerente precisaria ser materialista para dar conta da realidade, e isso exigia considerar o ser humano como um ser completo, dotado de pensamento e ação, cuja realidade dos fatos seria determinada por essa relação dialética entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática. Esse materialismo, que se opõe ao idealismo – considerando-o um sistema que parte de Deus, do abstrato, do metafísico – não significa, ainda assim, determinismo econômico, mesmo que a economia constitua uma esfera social preponderante.

Bakunin considera ainda que há uma **diferença fundamental entre**

[...] a igualdade deve estabelecer-se no mundo pela organização espontânea do trabalho e da propriedade coletiva, das associações produtoras livremente organizadas e federalizadas nas comunas, e pela federação igualmente espontânea das comunas, mas não pela ação suprema e tutelar do Estado”

ciência e doutrina/ideologia. Como colocado, a ciência é um elemento fundamental para o desenvolvimento da humanidade; no entanto, quando se fala das ciências humanas, elas nunca podem ser absolutas, visto que não há simplesmente o fato em si, mas a observação deste fato por um ser humano, dotado de uma determinada carga de valores. Como Bakunin colocou, a vida é sempre mais complexa do que a nossa capacidade de apreendê-la. É possível buscar uma elaboração teórica, com o maior rigor científico, da história, e também dos fatos presentes, mas deve-se levar em conta que essa teoria não pode afirmar-se como verdade ou ciência absoluta. E, ainda que exista a possibilidade de, por meio da ciência, compreender a história e a realidade, é impossível tentar extrair da história regras gerais ou uma ciência de seu funcionamento para a explicação da realidade, e, fundamentalmente, para prever o futuro. Assim, o socialismo não pode ser ciência, mas uma doutrina, ou uma ideologia, no sentido de conjunto de ideias, valores,

aspirações que possuem uma interação prática com a realidade. Ele não pode ser abarcado por um conjunto científico de regras e possui elementos que não podem ser comprovados empiricamente.

A leitura da realidade

Considerando os elementos colocados em seus pontos de partida, vejamos como Bakunin elaborou uma leitura da realidade de seu tempo, cujos esforços empenharam-se, dentre outras coisas, no sentido de compreender o capitalismo. Para ele, o fundamento do **sistema capitalista** está na propriedade privada e no capital, que significam “o poder e o direito de viver à custa da exploração do trabalho alheio, o direito de explorar o trabalho daqueles que não possuem propriedade ou capital e que, portanto, são forçados a vender sua força produtiva aos afortunados detentores de ambos”. [4] O capitalismo promove a desigualdade e, conseqüentemente, gera a pobreza dos explorados que, sendo obrigados a viver do trabalho assalariado, ainda que juridicamente sejam iguais aos capitalistas, economicamente estão subjugados e, na concorrência do mercado, não têm alternativa senão deixarem-se explorar para não morrerem de fome. A dinâmica do sistema capitalista cria e sustenta uma divisão do trabalho (manual e intelectual) e também das classes sociais, separando a sociedade em exploradores e explorados, e colocando-os em contradição e em luta.

Nas sociedades em que predomina a dominação – e esse é o caso do capitalismo –, Bakunin sustenta haver classes sociais em permanente luta; assim, acredita que há, na sociedade capitalista, uma luta de classes. Esse antagonismo entre as classes não poderia ser negado com base na “ideia de que [este] é um antagonismo mais fictício do que real, ou de que é impossível estabelecer uma linha de demarcação entre as classes possuidoras e as classes despossuídas”[5].

Todo um sistema político e ideológico dá sustentação a este sistema de exploração econômica, que é “protegido por todos os Estados [...], religiões e todas as leis jurídicas, tanto criminais quanto civis, e todos os governos políticos, monarquias e repúblicas – com seus imensos aparatos judiciais e policiais e seus exércitos permanentes”[6]. Os sistemas políticos e ideológicos não têm outra missão senão a de consagrar e proteger as práticas da exploração capitalista, constituindo-se, portanto, parte estrutural do capitalismo.

O **Estado**, para Bakunin, é o instrumento político das classes dominantes, que estabelece sobre o povo uma dominação, que, além de sustentar o capitalismo, aliena os indivíduos da política. Ele enfatiza: “quem diz Estado, diz necessariamente dominação e, em consequência, escravidão; um Estado sem escravidão, declarada ou disfarçada, é inconcebível; eis por que somos inimigos do Estado.”[7] E isso se aplica a qualquer Estado, seja ele mais ou menos democrático, já que “nenhum Estado, por mais democráticas que sejam as suas formas, mesmo a república política mais vermelha, popular. Apenas no sentido desta mentira conhecida sob o nome de representação do povo, está em condições de dar a este o que ele precisa, isto é, a livre organização de seus próprios interesses, de baixo para cima, sem nenhuma ingerência, tutela ou coerção de cima”. [8] Outras formas de dominação estariam presentes na sociedade: o imperialismo, a religião, o patriarcado. A superação do capitalismo e do Estado não deveria deixar de fora a superação da dominação como um todo, algumas com mais, e outras com menos relação com o sistema político e econômico.

Nesse sentido, o conjunto de classes despossuídas para Bakunin abarcaria todos aqueles que estavam sofrendo os efeitos do capitalismo e mesmo dos sistemas pré-capitalistas que ainda vigoravam em sua época. Dessa forma, seu **conceito de classe** é

amplo e está mais fundamentado na categoria dominação, do que na exploração econômica, sendo que a primeira abarca a segunda. Assim, ele acredita que as “diferentes existências políticas e sociais deixam-se hoje reduzir a duas categorias principais, diametralmente opostas uma à outra, e inimigas naturais uma da outra”; de um lado, o que se poderia chamar de classes possuidoras, burguesia, capitalistas ou classes políticas, “compostas por todos os privilegiados, tanto da terra quanto do capital, ou mesmo somente da educação burguesa”, e de outro, o que se poderia chamar de classes despossuídas, proletariado, povo, ou classes operárias, “deserdadas tanto do capital quanto da terra, e privadas de qualquer educação ou de qualquer instrução”. [9] Portanto, no conjunto dos dominadores estão a nobreza, a burguesia, os latifundiários, o clero, e no conjunto de dominados, os trabalhadores da cidade e do campo, o campesinato e toda a massa de excluídos (chamada de lumpemproletariado). Além disso, vemos que a definição de classe de Bakunin não está totalmente vinculada aos meios de produção econômicos: a instrução, por exemplo, assim como a participação na gestão do Estado, ajudariam a compor este critério de classe que explicaria a dominação em um sentido amplo, englobando os campos econômico, político e social.

A partir desta concepção, Bakunin acredita que é esse **conjunto de despossuídos que será responsável pela criação da nova sociedade**. Na luta contra o capitalismo, o Estado e as outras formas de dominação, os despossuídos devem

destruir a velha sociedade e construir a nova. Nessa concepção, que traz a tona novamente sua dialética, ele acredita que o elemento negativo da sociedade presente, ou seja, aqueles que negam essa sociedade – o povo em luta –, deve ter por objetivo superar o positivo, ou seja, a sociedade presente, criando um novo positivo – a sociedade futura. Bakunin não acreditava que essa sociedade seria uma síntese; ela precisaria romper com todos os aspectos da sociedade presente, criando, de fato, uma sociedade nova. Além disso, ele pensava que aqueles que defendiam

essa nova sociedade como sendo uma síntese corriam o risco de cair no reformismo ao tentar conciliar o inconciliável.

Nesse processo revolucionário de criação do socialismo, o Estado deveria ser imediatamente destruído, nunca

servindo como instituição que daria suporte a qualquer período intermediário. Bakunin acredita que é todo o conjunto de despossuídos que tem essa tarefa histórica de transformação social, e não somente um setor dele. Assim, nega qualquer prioridade no proletariado industrial e urbano e acredita que outros setores dominados deveriam, juntos com esse proletariado, empreender a revolução social.

Negando qualquer forma de “etapismo”, Bakunin não acredita em um desenvolvimento histórico linear ou previsível. Para ele, a vontade – ou seja, “o poder de tomar partido em favor de um ou vários motores que nele trabalham num sentido determinado, contra outros motores igualmente interiores e determinados”[10] – seria um elemento fundamental, que levaria homens e

mulheres, a partir dos seus instintos de busca pela liberdade, para uma luta contra a realidade e para sua superação. Não acreditava, portanto, como outros socialistas, que há obrigatoriamente uma necessidade de desenvolvimento das forças produtivas para que se chegue ao socialismo – Bakunin não acreditava que nas sociedades menos desenvolvidas economicamente se deveria promover o capitalismo, para depois se lutar pelo socialismo. Acreditava que **tanto nas sociedades mais desenvolvidas, quanto nas menos, os despossuídos deveriam imediatamente empreender uma luta pelo socialismo**.

Além disso, sua análise materialista da realidade o fazia crer que no passado e no presente, com uma análise rigorosa da história e da conjuntura, não podia ser verificada uma determinação econômica sobre as esferas política e cultural/ideológica. Seu materialismo reconhece a **influência mútua das esferas econômica, política e cultural/ideológica**; a econômica, por mais que fosse realmente determinante em muitos casos – e Bakunin assume que, dentre as esferas, a econômica é a que possui maior influência sobre as outras –, em diversos outros casos, seria determinada pelas esferas política e cultural/ideológica, em um movimento dialético que não estabeleceria causas e consequências fixas, determinadas *a priori*. Seu método de análise, portanto, não pode se resumir ao determinismo econômico.

Para seu projeto de transformação seria fundamental o desenvolvimento de uma **teoria**, que se construiria a partir de uma relação dialética com a **prática** do povo, e também de uma **estratégia** de luta, com o objetivo de superar a sociedade capitalista, estatista, religiosa, etc. e chegar a uma nova – socialista, federalista, antiteísta.

(continua na página seguinte)



(continuação da página anterior)

A estratégia

Para empreender uma luta rumo ao socialismo, os despossuídos deveriam conceber uma forma de tornar sua força elementar, espontânea, muito maior do que aquela das classes possuidoras, uma **força social real**. Portanto, “a primeira condição da vitória do povo é a união ou a organização das forças populares”[11]. Seriam os **movimentos de massa**, para Bakunin, que conseguiriam transformar-se nesta força social real necessária para a revolução social, já que “nenhuma revolução pode triunfar senão exclusivamente pela força do povo”[12].

Bakunin desenvolveu a maioria de suas **concepções organizativas e estratégicas** deste movimento quando entrou na AIT. Segundo acreditava, um movimento popular precisava ser organizado internacionalmente, reunindo o maior número possível de elementos das classes despossuídas, apoiando-se, fundamentalmente, na “intensidade sempre crescente das necessidades, dos sofrimentos e das reivindicações econômicas das massas”. [13] Nisso, haviam estado corretos os fundadores da AIT, colocando, “de início, como único fundamento, apenas a luta exclusivamente econômica do trabalho contra o capital”[14]. No entanto, quando se trata de unir o povo em um movimento que mobilize em torno das necessidades econômicas, as questões políticas (ideológicas) e religiosas mais dividem do que unem. Assim, Bakunin defendia um modelo de organização de massas que não excluísse trabalhadores por suas posições político-ideológicas ou por suas crenças religiosas, ainda que se permitisse a discussão aberta dessas questões.

Essa organização envolveria as associações de trabalhadores, unindo-os em torno de questões como a produção, o consumo, o crédito; iniciativas que habituariam os trabalhadores a cuidar e gerir seus próprios assun-

tos, algo fundamental na sociedade futura. Mas essa não era a base do movimento: este deveria se dar na mobilização destas associações de trabalhadores em torno das lutas de curto prazo, que dariam consciência de classe aos trabalhadores, permitindo que eles se radicalizassem no contexto dessas lutas, buscando, cada vez mais, os objetivos de longo prazo, ou seja, a revolução social e o socialismo. Bakunin, portanto, não defendia um “tudo ou nada” em que ou se realizava a revolução ou o movimento popular não tinha sentido; para ele, era na construção cotidiana e no contexto das lutas de curto prazo que os caminhos de longo prazo deveriam ser trilhados. Com a organização e as lutas das associações, os trabalhadores exercitariam sua capacidade de autogestão, fundamental para que eles próprios fossem responsáveis por sua própria emancipação. Além disso, no contexto das lutas reivindicativas, os trabalhadores conheceriam sua própria força e a força coletiva dos trabalhadores, compreenderiam a luta de classes, tornando-se cada vez mais conscientes, e buscariam, cada vez mais, a transformação social revolucionária.

Bakunin acreditava que “a partir do momento que um operário [...] começa a lutar seriamente pela diminuição de suas horas de trabalho e pelo aumento de seu salário, a partir do momento que começa a interessar-se vivamente por essa luta toda material” ele certamente abandona suas crenças religiosas e, na luta econômica, ele conhecerá a força dos trabalhadores e seus verdadeiros inimigos de classe. Termina por “compreender o antagonismo irreconciliável” da luta de classes, aproximando-se do socialismo revolucionário.[15]

Para fortalecer e impulsionar esse movimento de massas, Bakunin defendia um **modelo de organização política** (partido). Esse grupo de revolucionários seria responsável por atuar em meio às massas, servindo de motor/fermento; por meio da

promoção de um programa determinado – que, basicamente defendia posições filosóficas, teóricas e estratégicas – a organização política não deveria se dedicar à participação nas eleições, à tomada do Estado e nem a fazer a revolução em nome das massas. Ela teria por função estimular e dirigir as massas, provocando a revolução em seu seio sem subjugar-las; a função da organização política seria dar protagonismo às massas.

Historicamente, Bakunin foi responsável por impulsionar organizações políticas sendo a mais destacada delas conhecida pelo nome de Aliança da Democracia Socialista (ADS). Trabalhando de maneira pública e secreta, fundamentalmente no seio da AIT, a ADS visava dar a ela “uma organização revolucionária, para a transformar, a ela e a todas as massas populares que estão fora dela, numa força suficientemente organizada para aniquilar a reação político-clérigo burguesa, para destruir todas as instituições econômicas, jurídicas, religiosas e políticas dos Estados”. Para isso, seriam fundamentais as organizações políticas, compostas “por membros mais seguros, mais dedicados, mais inteligentes e mais enérgicos” e possuindo um duplo objetivo: “primeiro, a formação da alma inspiradora e vivificante deste grande corpo a que chamamos Associação Internacional dos Trabalhadores” e depois “**se ocuparão dos problemas** que são impossíveis de se tratar **publicamente**. Eles formarão a ponte necessária entre a propaganda das teorias socialistas e a prática revolucionária.”[16]

Esse modelo estratégico deveria impulsionar a sociedade para uma transformação social revolucionária que, por meio da violência organizada e protagonizada pelo povo, destruiria os sistemas de dominação e construiria o socialismo. Para Bakunin, esse socialismo só poderia ser construído “de baixo para cima”, ou seja, a partir das necessidades das bases, com a propriedade coletiva e fundamentado no trabalho coletivo.

Decisões econômicas e políticas deveriam ser tomadas pelas bases, em um sistema que desse força para a participação política popular e que se articulasse por meio da delegação. Este socialismo federalista, acreditava Bakunin, realizaria a liberdade completamente.

Felipe Corrêa

Notas:

1. Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 25. Todos os textos citados são de autoria de Bakunin e por isso suprimirei todas as referências a seu nome nas notas a seguir.
 2. “O Império Cnuto-Germânico”. In: Daniel Guérin (org.) *Textos Anarquistas*. Porto Alegre: LP&M, 2002 p. 47.
 3. “A Comuna de Paris e a Noção de Estado”. In: *O Princípio do Estado e Outros Ensaios*. São Paulo: Hedra, 2008, pp. 115-116.
 4. *O Sistema Capitalista*. São Paulo: Fáiça, 2007, p. 4.
 5. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988, pp. 15-16.
 6. *O Sistema Capitalista*, p. 4.
 7. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2003, p. 212.
 8. *Ibidem*, p. 47.
 9. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*, p. 16.
 10. “Consideraciones filosóficas sobre el fantasma divino, sobre el mundo real y sobre el hombre”. In: *Obras Completas*. Madrid, La Piqueta, 1979, p. 198.
 11. *A Ciência e a Questão Vital da Revolução*. São Paulo: Imaginário/Fáiça, 2009, p. 67.
 12. *A Política da Internacional*. São Paulo: Imaginário/Fáiça, 2008, p. 67.
 13. “La Organización de la Internacional”. In: Frank Mintz (org.). *Bakunin: crítica y acción*. Buenos Aires: Anarres, 2006, p. 102.
 14. *A Política da Internacional*, p. 46.
 15. *Ibidem*, pp. 53-54.
 16. “Necessidade e Papel do Partido”. In: *Conceito de Liberdade*. Porto: Rés Editorial, 1975, p. 154.
- * **Texto originalmente publicado no livro *Filosofia: um panorama histórico-temático*. Constam nele algumas mudanças em relação à versão original.**

Semana da Consciência Negra no CPII

Na semana do dia da consciência negra foi realizado no Colégio Pedro II, unidade Realengo 3 intervenções trazendo para dentro do colégio a violência vivida por muitos jovens negros no Brasil. Foram três intervenções em três dias seguidos:

1º dia: simulação de uma abordagem feita por justiceiros (milícia/polícia) a jovens negros;

2º dia: os alunos que participaram da intervenção ficaram espalhados pelo colégio retratando diversas situações (da colonização até os dias de hoje) de violência ao negra/o (casos de prender pelo pescoço com corrente de bicicleta, enforcamento de negras/os, acorrentamento etc.)

3º dia: Recitação do poema “Gritaram-me Negra” de Victoria Santa Cruz.



“Gritaram-me negra”

**Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade
que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus**

**lábios grossos
e mirei apenas minha carne
tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo,
Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia,
retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!**

**Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí?
E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum dissabor
Chamam aos negros de gente
de cor
E de que cor!
NEGRA**

**E como soa lindo!
NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro
Afinal
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura
AFINAL
Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque quis
Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!**



“NO ANO DE 2012, 56.000 PESSOAS FORAM ASSASSINADAS. DESTAS, 30.000 SÃO JOVENS ENTRE 15 A 29 ANOS E, DESSE TOTAL, 77% SÃO NEGROS. ISSO SIGNIFICA, NUM PAÍS QUE A MAIORIA DA POPULAÇÃO É NEGRA, QUE SER JOVEM E NEGRO NO BRASIL É LUTAR DIARIAMENTE PELA SOBREVIVÊNCIA”

MOB no 20 de Novembro dia de luta negra

O Movimento de Organização de Base (MOB) realizou no dia 20 de novembro uma festa para comemorar o Dia da Consciência Negra. Reuniu no Centro de Cultura Social sua militância e a companheirada próxima para festejar e marcar este dia de luta do povo brasileiro. Entre vídeos, poesias declamadas, oficinas lúdicas, cantoria, músicas, falas, brincadeiras, comilança e cervejinha conseguiu confraternizar e manter a memória e a luta viva. A atividade foi organizada pela militância do MOB, que se dividiu para pensar as atividades do dia, a estrutura necessária e trabalhar na manutenção do espaço. Além do balanço positivo podemos destacar a participação das crianças do Germinar cantando o Funk do Trabalhador, a música do grupo Us Neguin Q Não se Calam e a presença de diversos companheiros e companheiras de outros movimentos sociais, que compareceram enriquecendo ainda mais esse momento. Valeu o dia!

QUEM NÃO DEVE NÃO TEME

Um jovem negro corre na rua de seu bairro durante a noite. Ele veste um chinelo, uma bermuda e está sem camiseta. Então, uma viatura que o viu correndo acelera repentinamente, dá um “cavalo-de-pau” e para, interrompendo a trajetória do menino. O polícia (negro) com um fuzil M4A1 sai do carro rapidamente com sua



mira no meio da testa do jovem que corria e agora encontra-se parado, congelado e tremendo sem saber o que fazer...

O que fazer? O que fazer? O que fazer?... diz o coração do jovem que soca-o no peito.

- Para, para, para! – Grita o policial com o fuzil. O outro policial, que dirigia a viatura, também sai para dar cobertura ao companheiro. Todos na rua, em seus prédios e no posto de gasolina olham a cena com medo do menino.

- Por que você tá correndo?! - grita o policial.

A garganta do menino está completamente seca e ele não sabe o que responder.

- Tá com pau na boca, caralho? Responde.

- Eu... - engoliu seco essa palavra – Eu tô indo comprar remédio pra minha tia.

- Encosta com as mãos pra cima na parede. Sei que você tá aprontando algo, pivete!

O menino então faz o que o soldado mandou. O policial revista-o, enquanto o outro, que antes dava cobertura, agora aponta o fuzil para o jovem es-

perando qualquer movimento brusco do mesmo para num puxar de gatilho aniquilá-lo. Pow! E era só dizer que fora auto de resistência.

O garoto tentava nem respirar para não se mexer, porém suas pernas tremiam desesperadamente. A mão do soldado passou por seu corpo e parou no bolso traseiro onde havia 10 reais. O policial pergunta:

- Quem te deu esse dinheiro? Você roubou? É pra comprar bagulho?

-Minha tia que me deu. Vim comprar remédio pra ela que tá com dor.

O policial faz uma pausa como se estivesse analisando as palavras do menino e retorna:

- Onde tu mora?

- Subindo o beco d’Aparecida.

- Perto da boca?

- Não, não, senhor. Moro antes.

- Tá mentindo não, né? Sabe que se tiver mentindo a gente pega e quebra, né? - Falou o policial agora estendendo o dinheiro para que o menino pegasse.

- Sei sim, senhor. Tô mentindo não.

O menino pegou o dinheiro. O policial deu dois tapas de leve e apontou para o rosto do menino:

-Tô de olho em tu... - O policial virou de costas e caminhou em direção ao carro. Os dois saíram cantando pneu na mesma velocidade que chegaram, viraram a esquina e sumiram.

O menino quieto continuou seu caminho para a farmácia. Agora não corria. Não tinha mais vontade de correr, tinha apenas medo.

JUVENTUDE CAMPONESA na luta contra o agronegócio



Em resposta a nomeação da representante do agronegócio a senadora Kátia Abreu (PMDB-TO) para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, a juventude camponesa realizou a ocupação da Fazenda Pompilho, durante o 14º Acampamento da juventude latino-americana,

construído pela Via Campesina e pela CLOC (Coordenadora Latinoamericana das Organizações do Campo) que ocorreu nos dias 20 a 23 de novembro de 2014, em Palmeira das Missões – Rio Grande do Sul. A Fazenda Pompilho possui 2 mil hectares de cultivo de milho transgênico à beira da BR-158, que liga a cidade de Palmeira das Missões à Santa Catarina. Esta ação direta foi realizada para denunciar o modelo do agronegócio adotado no Brasil, que tem ceifado vidas e expulsado agricultores familiares, indígenas e quilombolas de seus territórios. O agronegócio é a expressão do avanço do capitalismo, pois este modelo de produção é baseado na utilização de agrotóxicos e fertilizantes, necessitando de muita área para produzir pouco alimento. A juventude camponesa é anticapitalista, sonha e luta pela agroecologia e pela construção de outro mundo mais justo que contemple todos os seus anseios. A juventude camponesa grita “deixe-me ser jovem” e diz não a todos os projetos neoliberais de manutenção deste maldito sistema.

COMUNA SHINMIN O DRAGÃO NEGRO ANARQUISTA

85 ANOS
Da REVOLUÇÃO
camponesa
na CORÉIA
e MANCHÚRIA



A Revolução Anarquista Coreana (1929-1932) é um episódio ainda pouco conhecido no Brasil. Impulsionada pela FACM (Federação Anarquista Coreana na Manchúria), foi construída pelas forças sociais camponesas da região, defendida pelo Exército do Norte e gerenciada pela APCM (Associação do Povo Coreano na Manchúria). Foi um claro exemplo de prática libertária e de uma ida e volta entre uma prática política e reivindicativa cotidiana e um conjunto de ideais de emancipação postas em debate com essa prática.

Dedicado ao estudo e difusão do que foi o fenômeno da Comuna Shinmin, o pesquisador e militante da Federação Anarquista de Rosário (FAR-Ar), Emilio Crisi, apresenta esta experiência junto as outras experiências reais de uma sociedade sem classes, livre e sem a presença do Estado, tal como sucedeu na Baja California magonista do ano de 1911, na Makhnovschina ucraniana de 1918 e na Espanha de 1936. Analisando detalhadamente podemos encontrar semelhanças com a revolução ucraniana pela experiência de trabalho político desde as comunidades rurais defendidas por corpos guerrilheiros comprometidos com o processo. Uma tradição de organização e luta a partir do meio rural, o que iria gerar um forte debate sobre desde onde convinha organizar-se entre as forças sociais para gerar um processo de ruptura revolucionária. Sem dúvida, apesar do que estava passando nas regiões ao redor com as fortes mobilizações operárias, a opção de organizar-se entre os setores camponeses ganhou mais aderentes entre a militância anarquista.

Indicamos a leitura: CRISI, Emilio. *Revolución Anarquista en Corea 1929-1932: Aproximación histórica sobre la experiencia de la comuna libertaria impulsada por el anarquismo coreano al este de Manchuria*. Editorial Pensamiento y Voluntad. Rosario, Argentina. 2014. 137p.

Versão PDF disponível em:

https://ithanarquista.files.wordpress.com/2014/10/revolucion_anarquista_coreana_en_manchuria_emilio_crisi.pdf

Revolución Anarquista en Corea 1929-1932



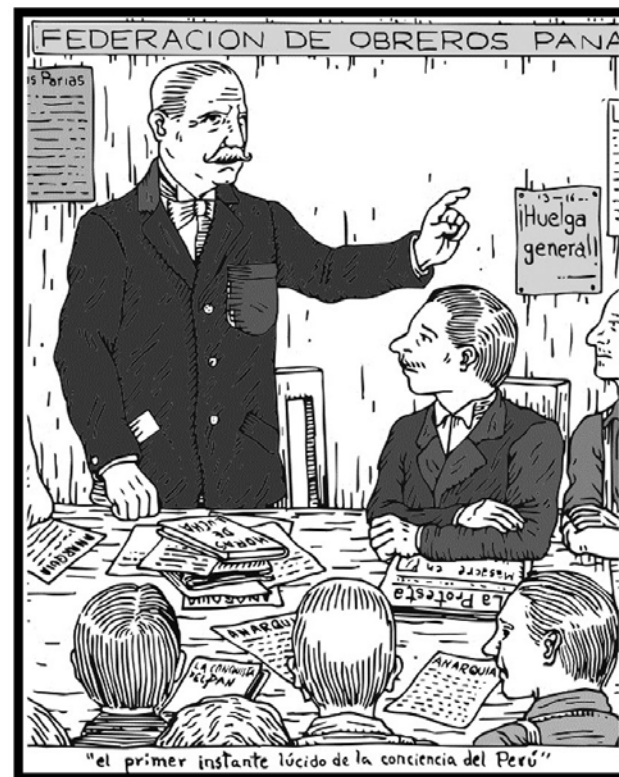
Aproximación histórica sobre la experiencia de la comuna libertaria impulsada por el anarquismo coreano al este de Manchuria



Emilio Crisi

170 anos de González Prada E sua contribuição ao pensamento social peruano

José Manuel de los Reyes González de Prada y Álvarez de Ulloa (1844 - 1918) foi um poeta peruano considerado como um dos melhores ensaístas daquele país. Figura mais destacada do anarquismo peruano, deixou uma admirável obra e recebeu o crédito de fundador do radicalismo político no Peru. Em González Prada se apresenta um caso especial, no



"el primer instante lúcido de la conciencia del Perú"

qual conviveu uma atitude indigenista crítica e radical, que se nutre da crítica ao período aristocrático branco. Sua escrita defendeu os elementos da luta camponesa ameríndia e atuou junto aos círculos operários com o toque da ideologia anarquista universal. Destacamos aqui algumas palavras de sua obra *"Nuestros Indios"*. (Fragmentos):

"Cômada invenção a Etnologia nas mãos de alguns homens! (...) Não faltam indiôfilos que em suas iniciativas individuais ou coletivas procedem como os Governos em sua ação oficial. (...) por regra geral, os "dominadores" se dedicam ao índio para engana-lo, oprimi-lo ou corrompe-lo. (...) O "sumum" da moralidade, tanto para os indivíduos como para as sociedades, consiste em haver transformado a luta do homem contra o homem em acordo mútuo para a vida. (...) Ocupar na terra o posto que lhe corresponde em vez de aceitar o que lhe designam: pedir e tomar seu bocado, reclamar seu trecho e seu pedaço de terra natal, é o direito de todo ser racional. (...) A que diga: "a escola", responda-lhe: "a escola e o pão". (...) A questão do índio, mais que pedagógica, é econômica, é social. (...) Em resumo: o índio se redimirá por vias de seu próprio esforço, não pela humanização de seus opressores."

FONTES:

LEIBNER, Gerardo: *"La Protesta y la andinización del anarquismo en el Perú, 1912-1915"* em: www.anarkismo.net/article/7709

PRADA, M.G. *Nuestros Indios*. In: *Horas de lucha*.

Os 200 anos de Bakunin

Frente sindical da CAB

Em 2014, relembramos os 200 anos do nascimento do revolucionário e anarquista russo Mikhail Bakunin. Militante exemplar, sua vida se confundiu com a luta dos trabalhadores de sua época, principalmente dentro da *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT). Junto com outros companheiros, também foi responsável pela constituição do anarquismo como força socialmente engajada na luta pela liberdade e igualdade. Em 1868, Bakunin ajudou a fundar a *Aliança da Democracia Socialista*, organização clandestina e a primeira especificamente anarquista da história, que atuou dentro da AIT.

Sendo a AIT o espaço que aglutinou e impulsionou as lutas dos trabalhadores nesse período, é importante pontuar que foram os acúmulos das correntes anti-autoritárias da Internacional que tiveram maior influência no movimento operário de nosso continente latino americano. Após o Congresso de Haya, da Primeira Internacional, as concepções estatista e federalista se separam em meio a fortes polêmicas e seguem caminhos distintos. E é a corrente libertária do socialismo (federalista e anarquista) que vai impulsionar a continuidade da AIT. Em 1872, em Saint-Imier na Suíça, Bakunin e os federalistas fundavam a Internacional conhecida mais tarde como anti-autoritária.

Dentro desse processo de radicalização das lutas, é necessário ter como retomada de objetivo o Sindicalismo Revolucionário. Concepção de luta sindical defendida por Mikhail Bakunin, que, recentemente foi apontado como um “suspeito em potencial” de estimular as lutas e ter envolvimento com elas, na capital carioca.

As seções e federações vinculadas à Internacional que foram se formando em toda a América Latina contavam com orientações gerais bastante precisas e com autonomia para o seu desenvolvimento, dando continuidade às propostas federalistas e de sindicalismo revolucionário de Bakunin. Ele entendia o sindicalismo como um meio e não um fim em si. E o papel dos anarquistas deveria ser colocar combustível nos processos de mobilização da classe e organizar as lutas junto com os/as trabalhadores/as. Fazendo a propaganda da causa onde quer que se encontrassem os operários. Foi de fato na ação e a partir das táticas consagradas pela experiência, que os contornos de uma

doutrina sindical mais radical foi tomando forma, tornando-se a expressão histórica deste período.

A genealogia da Greve Geral

A ideia de greve geral foi lançada pelo Congresso da Internacional realizado em Bruxelas, em setembro de 1868. Na ocasião, era uma ferramenta com o objetivo de lutar contra a guerra naquele período. Mas foi em 1869 que Bakunin, de forma pioneira, analisou todas as possíveis consequências e potencialidades da Greve Geral:

“Quando as greves ampliam-se, comunicam-se pouco a pouco, é que elas estão bem perto de se tornar uma greve geral; e uma greve geral, com as ideias de liberação que reinam hoje no proletariado, só pode resultar em um grande cataclismo que provocaria uma mudança radical na sociedade. Ainda não estamos nesse ponto, sem dúvida, mas tudo nos leva a isso.”

Bakunin traz assim importantes contribuições a esta concepção da greve como ferramenta de mobilização de força dos/as trabalhadores/as, e que “já indicam uma certa força coletiva, um certo entendimento entre os operários”. Como prática da luta reivindicativa e de formação na prática, a greve geral deve também encarnar a solidariedade entre os setores da classe oprimida, pois “as necessidades da luta levam os trabalhadores a apoiarem-se, de um país a outro, de uma profissão a outra”.

* Este texto é parte do *Informativo Sindical da CAB*, publicado em 2014



Organizações integrantes da CAB: Organização Resistência Libertária (CE); Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (AL); Federação Anarquista do Rio de Janeiro (RJ); Organização Anarquista Socialismo Libertário (SP); Rusga Libertária (MT); Coletivo Anarquista Luta de Classes (PR); Coletivo Anarquista Bandeira Negra (SC); Federação Anarquista Gaúcha (RS); Núcleo Anarquista Resistência Cabana (PA). Mais informações: www.vermelhoenegro.net



Lúcia Sánchez Saornil

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CAB: www.vermelhoenegro.net | CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencialibertaria.org | Núcleo Negro/PE <http://nucleonegro.noblogs.org> | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.federacaoanarquistagaucha.org | Ateneo Libertário Batalha da Várzea <http://batalhadavarzea.blogspot.com.br> | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.wordpress.com> | CAZP/AL <http://cazp.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | NARC/PA <http://resistenciabana.noblogs.org> | GEIPA/SC www.geipajoinville.blogspot.com | COMPA/MG www.coletivocompa.org | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** OSL www.osl.org.ar | FACA <http://lafaca.org> | **COLÔMBIA:** RLPMK www.redlibertariapmk.org | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **CHILE:** CAL <http://labataladelostrabajadores.blogspot.com> | **COSTA RICA:** Pró-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalibertad.blogspot.com> | **FRANÇA:** Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles www.cnt-f.org | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquista Uruguay.com.uy> | **CSL** <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> | **EUA/CANADÁ:** NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | www.anarkismo.net

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001
Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: farj@riseup.net